

«Entre-tempos»

O trabalho de Helena Gonçalves indicia uma tendência construtiva, a partir de dispositivos tecnológicos da fotografia, e um questionamento de alguns dos seus paradigmas. Se recordarmos a sua série “Dança” (2003), encontramos aí a primazia do movimento através de exposições longas, donde resulta uma fusão da metamorfose dos corpos representados. Já numa série mais recente – “Monchique”, 2006 – assistimos ao congelamento dos personagens, num ambiente nocturno, através do uso do flash. No presente trabalho, somos confrontados com a questão espacial do enquadramento. Fotografar é também incluir e excluir. De uma maneira geral o fotógrafo delimita-nos o campo visual de forma unívoca. Em “Dia-Noite” assistimos a uma bipolaridade provocadora e, por vezes, intrigante ao nosso olhar. Temos uma espécie de *in/out* em cada imagem. As imagens nocturnas poderiam ter sido a opção exclusiva do campo visual da artista, mas desvendam-nos um *out* até um certo limite. A selecção do fragmento nocturno revela-nos também a opção da autora no conjunto do espaço diurno, concorrendo assim para uma melhor compreensão da sua intencionalidade.

Se a fotografia pode revelar a falsidade de um quadro, o trajecto de um projectil, o trote de um cavalo, revela-nos, aqui, dois disparos, dois momentos distintos: dia e noite, em que o primeiro se sobrepõe ao segundo, mas em que o segundo, pela sua fragmentação e luminosidade consegue despertar um interesse diferente no nosso olhar. Este conjunto de fotografias joga, pois, com uma questão relevante da fotografia: a temporalidade. A fracção de tempo normalmente adjudicada a uma fotografia surge, aqui, em duplicado, deixando-nos no desconhecimento do que medeia entre os dois momentos, já que convoca para essa mediação mas não a revela. E a captação ocorreu no mesmo dia ou em dias distintos? O conjunto de questões que estas imagens podem provocar no espectador tornam-nas estimulantes na sua leitura visual.

A ambiguidade por vezes gerada pela sobreposição das imagens é outro elemento, por vezes perturbador, como por exemplo na fotografia “Baixa”, em que o personagem diurno se esvanece deixando-nos apenas o seu vestígio. Mas a atenção à presença dos personagens atinge o seu êxtase quando tomamos conhecimento que a própria autora se inclui em cada uma das imagens, gerando um novo foco de interesse que nos remete para uma espécie de jogo de “Onde está o Wally?”.

Finalmente, os cenários escolhidos pela autora têm uma recepção

diferente consoante o observador viva, conheça, ou não, a cidade de Lisboa onde as acções têm lugar. Mas, independentemente dessa afectividade, conhecimento ou não, torna-se óbvio, com exclusão dos espaços de diversão nocturna, que existe uma chamada de atenção para o despovoamento dos centros urbanos, o que traz à fotografia uma transcendência da sua questão estética para uma dimensão social.

Esta nova série de Helena Gonçalves contém, na sua fabricação, um vasto conjunto de questões iminentemente fotográficas e, simultaneamente, constituem matéria de um compensador exercício de literacia visual.

Rui Prata

Outubro, 2008